

## Regionalismo e modernização como representações literárias

Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo<sup>1</sup> (UFRN)

### Resumo:

*Estudo circunstanciado da literatura regional nordestina na primeira metade do século XX, considerando os influxos modernizadores e as diferentes formas de acomodação e conflito entre regionalismo e modernidade no Nordeste. Discussão do projeto “Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX”, cujo interesse é investigar a dinâmica da produção literária dos estados nordestinos, no período, procurando definir se as situações locais chegam a definir subsistemas, em temporalidades diferenciais e heterogêneas, em relação ao sistema literário nacional. Além disso, o projeto busca perceber linhas de força que se estabeleceram na longa trajetória do regionalismo, com marcas históricas importantes. Procura-se também redimensionar a função de denúncia de boa parte dessa literatura, na atualidade, definindo-lhe o estatuto crítico em tempos de informação e globalização.*

**Palavras-chave:** Regionalismo, Modernização, Crítica Social, Subsistema Literário, Globalização

### Introdução

O projeto *Regionalismo, Modernização e Crítica Social: representações literárias do Nordeste na primeira metade do século XX* (Edital Universal –MCT/CNPq – nº 15/2007) surgiu da necessidade de integrar de forma institucional pesquisadores que já vêm desenvolvendo pesquisas sobre a questão do Regionalismo e suas representações literárias no âmbito do chamado sistema literário brasileiro, com influxos na produção literária das décadas seguintes do século XX até a contemporaneidade. Parte-se, então, do pressuposto de que a questão do regionalismo na literatura brasileira ainda permite uma ampla discussão acadêmica..

A partir da leitura de obras relacionadas à questão regional no Brasil, é possível verificar que a noção de regionalismo reside no campo extraliterário e é construída historicamente, mas tem sido imprescindível à vida literária do país. Na obra de Antonio Candido, a discussão sobre o regionalismo aparece no âmbito do campo semântico de “brasileirismo”, mais especificamente no primeiro volume de *Formação da literatura brasileira*, quando ele analisa o surgimento do gosto pela expressão local e pelo sentimento do exótico. Na dialética de forma européia e matéria brasileira, esse gosto pode ser visto como elemento impulsionador do surgimento de uma tradição que se manifesta em vários momentos da história do sistema literário nacional, independente, inclusive, do que se veio a chamar de “regionalismo” e antes mesmo das delimitações geográficas, políticas e culturais das regiões do país. Neste sentido, pode-se falar em tradição regionalista como uma das dominantes construtivas do romance romântico brasileiro, da mesma forma que se pode relacionar essa tradição às tendências modernas da literatura brasileira e estender a sua presença até a atualidade.

Interessa ao projeto que apresentamos estudar o regionalismo sob a tensão das tendências modernizadoras - econômicas, sociais, políticas e literárias -, na primeira metade do século XX. No caso do Nordeste, isto significava ao mesmo tempo conciliar tendências de desagregação do mundo patriarcal e escravocrata, que eram fatores de modernização econômica e social, com a valorização das tradições e falas locais, fator de modernização literária, contraposto ao academicismo.

Os dois impulsos têm, como se percebe, algo de contraditório, e combinaram-se das mais diferentes maneiras, com atitudes e resultados críticos também diversos. As obras de Graciliano Ra-

mos e José Lins do Rego estão profundamente arraigadas nessas tensões, sem falar que o conflito modernizador comparece também na grande quantidade de obras de alcance reduzido, conhecidas apenas nos estados de origem.

## **1. O regionalismo e o estatuto do narrador**

Mesmo no campo mais estritamente literário, também se encontram certos descompassos, uma vez que o regionalismo, funcionando por si mesmo como fator modernizador literário, muitas vezes se manifestou na região combinado com o naturalismo, com o objetivo de chocar e denunciar, um dos distintivos do romance de 30, mas deixando de lado recursos mais sofisticados de análise e linguagem, conquistados pelo Realismo e o Modernismo. Em certas situações de radicalismo regionalista, estes até podiam figurar como “cosmopolitas” demais.

Para se chegar a uma compreensão mais especificada das relações entre regionalismo e modernização, consideramos importante a perspectiva das literaturas estaduais. Como parte do movimento integrador da literatura brasileira, estas formam subsistemas a serem entendidos em relação com a literatura e os movimentos oriundos das regiões dominantes do país e oscilam, igualmente, entre atitudes cosmopolitas e localistas. O conhecimento acumulado sobre a questão indica situações específicas em diversas regiões e estados, cuja consideração pode levar a uma visão mais complexa e historicamente diferenciada do que chamamos de regionalismo.

Também nos interessa a exploração de aspectos de longo curso das tendências regionalistas em literatura, presentes no período da pesquisa, mas com possíveis antecedentes desde representações românticas como as de *O gaúcho*, de José de Alencar, *Inocência*, do Visconde de Taunay, e *O cabeleira*, de Franklin Távora, conforme indica trabalho de pesquisa do professor Fernando Cerisara Gil, da UFPR, apresentado no XI Encontro Regional da ABRALIC, em São Paulo (2007). De maneiras diferentes, segundo o autor, estas narrativas configuram um campo de problemas, com alguns nós críticos que terão permanência. Sem a chance de copiar diretamente modelos estrangeiros, o que seria possível ao romance urbano, as ficções propostas mergulham desde logo em problemas relacionados à matéria local. Nelas, já aparece como problema o estatuto do narrador, diferenciado mas presente em cada uma. A presença do narrador tende a sobrepor-se ou justapor-se à necessidade narrativa, sem resultado literário justificável. O conto sertanejo, que virá a seguir, tem como principal fraqueza exatamente a figura do narrador. E no romance de 30, as melhores produções dependeram de manipulações do foco, com as devidas consequências para a narrativa. Entretanto, é um problema que se repõe com frequência no regionalismo e está frequentemente a pedir soluções específicas. A matriz prática do problema parece ser o abismo social entre a experiência do escritor letrado, urbano, frequentemente de elite, e do meio rude, muitas vezes miserável, que pretende representar.

Alguns romances conseguem indicar literariamente a existência desse abismo, realizam-se diante dele. Noutros, a distância aparece em estado bruto, interessando como visão de mundo a ser percebida pelo leitor e pela crítica.

## **2. Regionalismo e denúncia social**

Outro aspecto aparentemente relacionado à perspectiva regionalista, desde o primeiro momento romântico, seria a presença frequente da violência nas narrativas, comparativamente à literatura urbana. O ambiente rural parece ser percebido sobretudo como um meio violento, onde faltam mediações mais “civilizadas”, no âmbito do direito, por exemplo, para solução de conflitos. Mesmo num romance como *Angústia*, de Graciliano Ramos, encontra-se certa adesão a essa forma de ver. Entretanto, este é um foco bem determinado pelo interesse de quem narra, impressionado com as

histórias violentas do sertão. Parece faltar um interesse mais abrangente no sistema de mediações de conflitos válido nas sociedades rurais, que nem sempre acaba em assassinato.

O último aspecto ligado à tradição regionalista estaria relacionado com os dois anteriores, o papel do narrador e a violência na narrativa. Trata-se da afirmação de certos princípios ético-moralizadores, presentes na fase inicial do Romantismo, de maneira mais ostensiva no romance *O cabeleira*, de Franklin Távora. Posteriormente, no romance de 30, as questões éticas são redimensionadas no sentido da denúncia, da crítica social, do compromisso com os mais pobres.

Os três aspectos descritos, o estatuto do narrador, o papel da violência e os princípios ético-moralizadores, que já se encontram em romances da fase romântica, possivelmente configuram tendências de longo prazo, a serem investigadas e melhor especificadas na literatura regional da primeira metade do século XX.

Como última questão de pesquisa, propomos a reflexão sobre o papel que teriam hoje os romances regionalistas, do decênio de 30, na sua intenção de denúncia das mazelas sociais. Que sentido têm hoje importantes romances da seca como *Vidas secas* e *O quinze* ou os da modernização, como *São Bernardo* e *Fogo morto*?

A intenção informativa e denunciadora de misérias está inscrita nessas narrativas, sem dúvida, mas a modificação de situação histórica obriga a pensar de maneira mais profunda e exigente a relação entre forma literária e processo social, nesses romances. No capítulo *Estrutura literária e função histórica*, do livro *Literatura e sociedade*, Antonio Candido mostra como o *Caramuru*, de Santa Rita Durão, pôde assumir funções antagônicas nos dois momentos decisivos do processo de formação da literatura brasileira, Arcadismo e Romantismo. A epopéia de Durão estava estruturada sobre ambigüidades constitutivas, que tornaram possível a função de elogio da colonização, no primeiro momento, e depois a de peça nativista, no segundo momento.

No romance de 30, provavelmente não temos a virada ideológica completa, como no caso do *Caramuru*, de uma época para outra, mas a perda ou enfraquecimento da função de denúncia, com certeza deve iluminar outros aspectos de fatura, que possam continuar ativos como dispositivo crítico, como interrogação à realidade, mais que informação. Nelson Pereira dos Santos, que também fez uma obra confessadamente de denúncia ao adaptar *Vidas secas* para o cinema, no contexto do Cinema Novo, nos anos sessenta, justifica a escolha do romance de Graciliano pela necessidade de encontrar uma forma válida de mostrar o flagelo humano da seca. O filme atualiza em muitos pontos a narrativa, inclui cenas de seu interesse, exclui outras, mas encontra no romance do escritor nordestino não apenas uma história a ser recontada, mas uma série de problemas éticos e estéticos imbricados, que o cineasta teve a coragem de propor ao seu meio expressivo e momento histórico. Então a pergunta que esse projeto quer fazer a um conjunto de obras regionalistas, mais e menos conhecidas, de alcance nacional ou apenas local, é sobre sua capacidade de continuar repondo problemas, de se apresentar ainda como formas válidas de questionar as mazelas brasileiras, na sociedade contemporânea. Na linha do pensamento benjaminiano, significa saber quanto de experiência sedimentada ainda oferece resistência ao mundo alienado da informação. Na linha adorniana, investir na afirmação de que a obra de arte bem-sucedida, que tocou o fundo da experiência social, não pode mentir, no sentido de que não consegue entregar-se à ideologia, como no caso da informação.

Em suma, o projeto procura investigar o Regionalismo sob três perspectivas: a do impacto modernizador, social e literário, com especificações locais; a de linhas de força históricas, atuando na composição narrativa; e, finalmente, a do redimensionamento da função de denúncia, principalmente do romance de 30, para uma perspectiva crítica ainda eficaz.

De certa forma, com essa pesquisa procura-se preparar o campo para uma discussão com a globalização contemporânea, que se inclui também nos impulsos de modernização que colocamos em pauta.

Do ponto de vista do estudo do processo formativo do sistema literário brasileiro, o regionalismo pode ser considerado, segundo a leitura de CANDIDO (1975), como um fator dinâmico local na chamada dialética do universal e do particular. Como um fator decisivo na dominante que caracterizou o chamado “romance de 30”, o regionalismo vem sendo estudado com frequência pela críti-

ca, de modo a estabelecer relações interdisciplinares, por meio de comparações, afinidades e contrapontos. Dessas relações, resulta uma discussão sobre o papel da literatura no processo de construção de uma imagem do país ao longo dos seus ciclos de modernização.

À crítica que leva adiante essa discussão, coloca-se o desafio de atualizar a experiência dos estudos sobre a questão do regionalismo, no âmbito das discussões sobre globalização, as quais postulam ao mesmo tempo uma espécie de cultura global, sem referência nacional, à disposição de todos, e a valorização do específico cultural (um novo tipo de pitoresco e localismo?) como contribuição local ou moeda de troca nas transações culturais internacionais.

Na *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido afirma que Machado de Assis pressupunha os escritores que o antecederam, embora fosse um gênio com força suficiente para superá-los. E este era o segredo de sua independência em relação aos modelos externos, este o motivo por que boa parte da crítica não sabia onde situá-lo. Mesmo se admitíssemos que todas as fronteiras culturais e literárias foram derrubadas, ainda teríamos que dar conta desse passado relativamente recente, de cinquenta anos atrás, em que a referência nacional e local definia uma vida. Seria necessário pensar que resistência esse passado ofereceu ou ainda oferece às novas e poderosas tendências universalizantes. Caso a globalização não seja ainda fato consumado, temos os elementos móveis de uma dialética para investigar.

Para se pensar a especificidade estadual do regionalismo em relação às tendências modernizadoras, em literatura, temos como suporte teórico a noção de sistema literário proposta por Antonio Candido no livro *Formação da Literatura Brasileira*. Trata-se, portanto, de considerar os denominadores do sistema apontados por Candido – um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel, os diversos públicos, obras interligadas por linguagem ou estilo – na situação local, o que abre um novo campo de problemas. Novo porque não é possível aplicar a mesma relação dialética estabelecida entre modelo europeu e matéria brasileira, válida para o processo formativo da literatura nacional, à situação da região e dos grandes centros do país, embora a definição do papel dos produtores e a formação de públicos, bem como uma organicidade de linguagem e estilo, tenham se concretizado de maneiras e em tempos diferentes nas diversas regiões e estados, sofrendo a influência e a pressão dos grandes centros nacionais. Considerando esses denominadores, com especificação histórica e social, pode-se investigar as especificidades das dinâmicas entre os modelos estrangeiros e a matéria brasileira no processo formativo e entre as regiões centrais e periféricas do país no processo de expansão e integração desse mesmo sistema, antes que as tendências centrífugas da globalização viessem impor novos desafios.

Como se trata de situações diferenciadas no tempo, pode ser explicativa a noção de temporalidades diferenciais, referida pelo historiador inglês Perry Anderson no ensaio *Modernidade e revolução* (1986). Nele, o autor questiona a perenialidade e homegeneidade da modernização, da maneira como proposta por Marshall Berman no seu livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, contrapondo a esta uma temporalidade mais complexa, que já está na concepção de Marx do tempo histórico do modo de produção capitalista. “Tratava-se de uma temporalidade complexa e *diferencial*, em que os episódios ou eras eram descontínuos em relação uns aos outros, e heterogêneos em si mesmos” (ANDERSON, 1986, p. 6).

As duas noções, portanto, de sistema literário nacional, de Antonio Candido, e de temporalidades diferenciais, de Perry Anderson, podem servir de eixo para as especificações locais das relações entre perspectiva regional e modernização.

Fundamental também para este trabalho é a contribuição de Antonio Candido para uma crítica que integra forma literária e processo social. Para o autor, é a integridade da obra literária que não permite sua apreensão como uma espécie de documento, válido na medida em que apresenta um aspecto da sociedade; nem como um conjunto de operações formais, espécie de jogo autônomo, desligado da realidade e inoperante enquanto compreensão. No primeiro capítulo do livro *Literatura e sociedade* (1965/2000), intitulado *Crítica e sociologia*, Candido menciona a percepção ou intuição de “vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíqui-

cos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos.” (*ibid.*, p. 5)

A grande contribuição de Antonio Candido ao campo de estudos de Literatura e Sociedade, onde se situa este projeto, foi dar consequência prática ao conjunto de idéias gerais que vinha desenvolvendo na década de 60, sobre o relacionamento de fatores sociais e estéticos e a possibilidade de valoração estética do elemento social. O ensaio *Dialética da malandragem*, publicado em 1970, coloca em prática, sem alardes terminológicos, um programa de crítica integrativa, propriamente dialética. Na avaliação de Roberto Schwarz, o ensaio de Candido trata de desfazer a oposição entre estético e social, pois considera a forma (o tipo de generalidade proposta pela obra) “como síntese profunda do movimento histórico, em oposição à relativa superficialidade da reprodução documental.” Isto exige, segundo Schwarz, “uma compreensão mais complexa *também do real*, que não pode estar visado em seus elementos brutos”. (1987, p. 135)

O estudo de Antonio Candido sobre as *Memórias* mostra na prática que o texto fazer sentido para o mundo externo e falar dele, de alguma forma, não significa perda de significado e coerência internos. Pelo contrário, para explicar a coerência interna do romance, através dos altos e baixos e de todas as peripécias do entrecho, sem recorrer a modelos externos prontos, foi necessário compreender “circunstâncias profundamente significativas como modos de existência”, que compareciam ali formalizadas esteticamente e atingiam os leitores. (1998, p. 36)

Estas são reflexões teóricas fundamentais para o trabalho com as obras literárias, principalmente porque este projeto se ocupa de maneira interdisciplinar com processos sociais, como a modernização, sendo que o próprio regionalismo exige uma visada mais ampla sobre os problemas da formação social brasileira.

A orientação básica sobre arte moderna no século XX tem como eixo as formulações de Theodor W. Adorno e Walter Benjamin. O primeiro lida, principalmente, com as formas padronizadas da sociedade industrial e as chances da literatura propor a relação crítica possível entre uma subjetividade precarizada e uma objetividade ao mesmo tempo inalcançável e onipresente. Benjamin lida também com a noção de empobrecimento da experiência na sociedade moderna e fornece elementos para se pensar a civilização e o progresso como empreendimentos ambíguos (o monumento à civilização que é também um monumento à barbárie, a vigilância constante para arrancar a tradição ao conformismo, a história que é contada pelos vencedores). Ambos os teóricos também refletem sobre o próprio ato crítico, procurando livrá-lo das tendências especializantes da ciência no século XX e dos modelos fixos que desvitalizam os resultados.

Uma revisão bibliográfica inicial, acerca do regionalismo na literatura brasileira, aponta para a necessidade de aprofundamento do ponto crítico, histórico, no qual se encontram a afirmação regional e o processo de modernização do país. Neste sentido, o chamado “romance de 30” desenvolveu a crítica social como uma dominante construtiva da narrativa, de modo a acrescentar à questão das inovações técnicas – conquista das vanguardas históricas incorporada à literatura brasileira no início da década de 1920 – a representação das tensões sociais como o elemento caracterizador da noção de “moderno” do momento. Assim problematizada, a produção literária referida carece ainda de muitos estudos, uma vez que a sua inserção na tradição literária brasileira é dinâmica e se projeta até a nossa atualidade. Em uma das mais recentes revisões bibliográficas, BUENO (2006, p. 27) observa: “... é possível projetar, para discuti-los, muitos dos elementos que fizeram do romance de 30 um passo decisivo de nossa tradição literária, cujos efeitos se espalham até hoje por toda a cultura brasileira”.

Damos ênfase ao processo de conhecimento sobre o romance de 30 e suas projeções na literatura brasileira, tomando como critério uma seleção de obras que considera as já clássicas narrativas e também outros textos que não foram incorporados pela história da literatura que registrou o período (narrativas em prosa e sob a forma de poemas, de autores locais que publicaram ao longo da segunda metade do século XX). Além do corpus formado por obras publicadas no período considerado, pretende-se realizar uma leitura da crítica que promoveu a recepção das obras em questão, com vistas à apreensão dos elementos valorizados pelos leitores da época em que se

construía a visão daquilo que se estabeleceu posteriormente como o “romance de 30”.

Para analisar as projeções atuais do registro literário estudado, faz-se necessário, também, estabelecer conexões entre as obras selecionadas para análise e outras que tiveram uma considerável visibilidade pela crítica no contexto atual, do mundo globalizado, não obstante sua forte inserção nas questões regionais (a exemplo da obra do escritor sergipano Francisco José C. Dantas).

O projeto desenvolve, assim, uma leitura da produção literária da primeira metade do século XX, no Brasil, com ênfase no romance de 30. Na análise da produção referida, será estabelecida uma discussão sobre a crítica da época e com a crítica contemporânea, além de um diálogo constante com a leitura mais diretamente relacionada à produção cultural e literária das sociedades que compartilham problemáticas semelhantes, a saber, as sociedades da América Latina. Para isto, o projeto recorre ao aporte teórico de autores como Ángel Rama e Antonio Cornejo Polar, haja vista as suas perspectivas teóricas afins à matriz de problemas analisados por Antonio Candido.

## **Conclusão**

Esse tipo de estudo do texto literário como fonte primordial de questionamentos, numa metodologia que se tece no entrecruzamento de visões integrativas do fenômeno literário, com aberturas interdisciplinares, resulta numa revisão da leitura sobre a produção literária brasileira da primeira metade do século XX, tomando por base os registros já realizados pela historiografia literária, além de informações coletadas em revistas e livros publicados durante o período correspondente a fins do século XIX até a década de 1930. Estabelecemos, assim, um diálogo crítico com outras áreas de interesse relativo ao tema da pesquisa (especialmente História, Ciências Sociais e Antropologia) integrando, à pesquisa histórica, elementos característicos da trajetória intelectual dos autores das obras selecionadas para estudo, visando relacioná-los com a história da cultura brasileira.

A relevância desse estudo reside na tentativa de uma compreensão mais complexa e variada de uma tendência de longo curso da literatura brasileira, de suas matrizes sociais, de suas combinações artísticas e ideológicas, de suas metamorfoses históricas. Falta uma especificação, por exemplo, de como localismo e modernização entram em contato e se relacionam, nos estados. Com base em conhecimento acumulado de pesquisas anteriores, sabemos que aí se encontra um universo variado e elucidativo ainda a ser explorado, que inclui relações entre centro e periferia, entre universal e particular, dentro do próprio país.

A produção literária tem acompanhado de forma crítica os ciclos modernizadores da sociedade brasileira, numa leitura que tem muito a oferecer à atualidade. Com esse aparente lugar comum das Humanidades, propomos um estudo sobre o modo como a representação literária do Nordeste, na primeira metade do século XX, construiu um caminho crítico para ler o processo de modernização da época que se anunciava como moderna. Trata-se de discutir sobre os elementos da modernização representados nas obras relacionadas ao chamado “romance de 30”, analisando atitudes de atores envolvidos no processo, perspectivas de classe, assim como as contradições implicadas. Na discussão, torna-se necessário: observar as saídas de enredo de narrativas que apontam para a cidade como horizonte no destino das personagens, retomando a discussão sobre a urbanização do ponto de vista do regional e rural; delinear linhas de força presentes na trajetória do regionalismo como tendência de longo curso na literatura brasileira, entre as quais o estatuto do narrador, o papel da violência e a presença de princípios moralizadores ou éticos em sentido lato; repensar o papel de denúncia da literatura regionalista, sobretudo do romance de 30, na atualidade, e explicar a eficácia literária e crítica dessas obras na sociedade da informação.

## **Referências Bibliográficas**

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

\_\_\_\_\_. *Teoria da cultura de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Teoria estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ANDERSON, Perry. "Modernidade e revolução", in: *Novos Estudos Cebrap*. SP: n.14, fev.1986. pp.2-15.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. Tradição regional e processo de modernização: tensões da literatura no Rio Grande do Norte. *Terceira Margem*, Rio de Janeiro-RJ, v. IX, n. 12, p. 194-204, 2005.

\_\_\_\_\_. As literaturas locais e o sistema literário nacional. In: *Lugares dos discursos: X Congresso Internacional ABRALIC 2006*, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Anais, CD-ROM).

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. Obras escolhidas, v. 1.

\_\_\_\_\_. *Walter Benjamin: sociologia*. Introdução, organização e tradução de Flávio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1985. (Grandes Cientistas Sociais, 50).

CAMARGO, Luís G. Bueno. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2006. v. 1. 712 p..

\_\_\_\_\_. Os três tempos do romance de 30. *Teresa Revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, v. 3, p. 254-283, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. Literatura e subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.140-162.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. 2v.

\_\_\_\_\_. *A literatura e a formação do homem*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC, São Paulo, Julho de 1972. *Ciência e Cultura*, setembro de 1972, p. 804-805.

D'ANDREA, Moema Selma. *A tradição re(des)coberta: Gilberto Freyre e a literatura regionalista*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.

FARIAS, Sônia Lúcia Ramalho de. *O sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna: espaço regional, messianismo e cangaço*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha - História, formação e atualidade*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004. 160 p.

\_\_\_\_\_. Uma reflexão sobre a formação regional. In: Flávio Loureiro Chaves; Elisa Battisti. (Org.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004, v. , p. 19-33.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 6. ed. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976. (Série Documentos, 6).

\_\_\_\_\_. *Região e tradição*. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

\_\_\_\_\_. A propósito do regionalismo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Tempo de aprendiz*: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926). Org. De José Antônio Gonsalves de Mello. São Paulo: IBRASA/Brasília: INL, 1978. v. 1, p. 216-218.

GIL, Fernando Cerisara. Experiência Urbana e Romance Brasileiro. *Revista letras*, Curitiba, v. 64, p. 67-77, 2004.

\_\_\_\_\_. Os Jagunços e o Romance Regionalista. In: Gínia Maria Gomes. (Org.). *Euclides da Cunha: literatura e história*. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005, v. , p. 307-318.

\_\_\_\_\_. Uma ou duas notas sobre a narrativa rural. In: XI Encontro Regional da Abralic, 2007, São Paulo. XI Encontro Regional da ABRALIC: LITERATURAS, ARTES E SABERES, 2007.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*: ensaios sobre a globalização. 2. ed. Tradução de Maria Elisa Cevalco e Marcos César de Paula Soares. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pós-Modernismo*: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

MAGALHÃES, Belmira. R. C. Forma Social/Forma Literária: a política do favor na modernidade brasileira. *Terceira Margem*, v. 12, p. 68-80, 2005.

\_\_\_\_\_. Opressão e identidade: o duplo da colonização. *Itinerários*, Araraquara, v. 1, p. 39-66, 2003.

MELLO, Evaldo Cabral de. *A ferida de Narciso*: ensaio de história regional. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

MOREIRA, Maria Eunice. Regionalismo literário rio-grandense: invenção da historiografia literária. In: MALLARD, Letícia et al. *História literária: ensaios*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 75-100.

OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Formas da sedução social na Literatura Brasileira. In: Lucia Helena; Anélia Pietrani. (Org.). *Literatura e poder*. 1 ed. Rio de Janeiro: Contracapa, 2006, v. 1, p. 157-175.

OLIVEIRA, Francisco de . *Elegia para uma re(li)gião*.: SUDENE, Nordeste e conflitos de classe. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Organização de Mário J. Valdés; Tradução de Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Los gauchipolíticos rioplatenses*: literatura e sociedade. Buenos Aires: Calicanto, 1976.

\_\_\_\_\_. *Literatura e cultura na América Latina* . Organizado por Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?*: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.



\_\_\_\_. *Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVEIRA, Rosa Godoy. *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Moderna, 1984.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil qual Romance*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

VASCONCELOS, Sandra Guardini. T. Caminhos do sertão, impasses da modernidade. *O Eixo e a Roda*, v. 12, p. 109-120, 2006.

\_\_\_\_. AGUIAR, Flávio Wolf de. O conceito de transculturação na obra de Ángel Rama. In: Benjamin Abdala Junior. (Org.). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2004, v. , p. 87-99.

---

### **Autor(es)**

<sup>1</sup> **Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Departamento de Letras; Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses

hharaujo@cchla.ufrn.br.